

FLÂNEUR

Um livro para Paulo B

ANDRÉ MINTZ

Professor e pesquisador em Comunicação/Arte

Só na última semana encontrei o exemplar. Paulo B havia feito a encomenda, salvo engano, quando já me encontrava em Córdoba, na Argentina, para um intercâmbio que me fez interromper o período de iniciação científica sob sua orientação. O livro era das obras menos conhecidas do escritor argentino Manuel Mujica Lainez: *El Unicornio*, da década de 1960. Em retribuição pelo favor da encomenda, Paulo me emprestaria outro livro de Lainez, que fez com que ele se interessasse pelo autor: *Bomarzo*.

Hoje, encontro arquivado um e-mail que lhe enviei em maio de 2008, que reaviva a memória da busca pelo volume. Contava a ele sobre um passeio que fiz pela região de sebos da cidade, após as tentativas frustradas em livrarias maiores. Em um deles – lhe escrevi – uma senhora idosa de touca de lã relatou, interpelada pela vendedora que me atendia, que havia muito tempo não via o livro, que já não era editado há anos. Disse, também, que conhecera Manucho, que era um senhor *muy amable*, e que ele havia morrido na região. Mais especificamente na vila de Los Cocos, situada nas serras cordobesas. Haveria aí um museu em

sua homenagem. Disse-me que o escritor, embora fosse *porteño*, adorava Córdoba. *Pero, el libro? No, no se encuentra más.*

Dos estudos com Paulo B, um dos aprendizados que certamente trago até hoje era sua concepção do pesquisador como *flâneur* – o errante observador das cidades modernas que Walter Benjamin tão bem descreveu. Em um de seus eternos retornos ao tema, o autor alemão vincula sua experiência como colecionador de livros à experiência de viajante, vagando pelas cidades desconhecidas: “Minhas compras mais memoráveis ocorreram durante viagens, como transeunte. Propriedade e posse estão circunscritas a uma tática. Colecionadores são pessoas de instinto prático; quando conquistam uma cidade desconhecida, sua experiência lhes mostra que a menor loja de antiguidades pode significar uma fortaleza, a mais remota papelaria um ponto-chave. Quantas cidades não se revelaram para mim nas caminhadas que fiz à conquista de livros!” (BENJAMIN, 1995, p. 231).

A busca de um livro perdido, que tomo hoje como pretexto da rememoração, foi então uma forma de exercitar esta experiência do passeio e da viagem de um modo que reconheço, hoje, ter aprendido com Paulo. Córdoba, se bem me lembro, segue o princípio urbanístico das colônias jesuítas, com duas vias principais cortando a cidade na forma da cruz. Eixos originários do espaço, delas partem as demais ruas. O passeio para os sebos me desviava dos meus recorridos mais frequentes na cidade que, na verdade, era bem restrito pela conveniente proximidade entre a casa em que vivi e o campus da universidade. Lembro bem do Paulo me dizer, em antecipação à viagem, para que eu a aproveitasse para estudar menos e vagabundear mais. Talvez seja um tanto profanador que eu venha agora tomar essa recomendação como articuladora de uma discussão acadêmica.

Mas, o olhar errante do *flâneur* é, em verdade, um dos princípios metodológicos que Paulo ensina. A investigação e a descoberta são motivadas igualmente pela curiosidade e pelo prazer do percurso. Noção que ele transpõe do trabalho das passagens às bancas de revista e às páginas dos impressos. Enquanto método, flanar é um modo de ajustar o olhar de quem investiga àquele dos leitores diante dos impressos. Reivindicar esse olhar perambulante é, então, um modo de recuar do olhar por

demais racional da subjetividade científica moderna que esquadriharia as páginas em eixos e coordenadas. Um modo, também, de reconhecer a complementariedade dialética entre as estratégias da diagramação e as táticas de leitura (CERTEAU, 1996) que são, em última medida, aquelas que se busca recuperar no processo da investigação.

Em texto que escreveu acerca de uma experiência diante de uma fotografia jornalística, escreveu Paulo: “O posicionamento da matéria deveria torná-la invisível, mas, ultrapassando todos os limites de sua significação, como em um abrupto deslocamento, sua fotografia causa um impacto de primeira página. Por quê? O olhar que ali cai, como em uma boa armadilha, não escapa” (VAZ, 2010, p. 194). Em outra produção, acerca da revista Piauí, que escrevemos juntos (mas em trecho cujas palavras são suas, sem sombra de dúvida), Paulo assume, em discurso direto, o papel do leitor que descobre a revista: “Deixa ver, terá ele dito em sua primeira abordagem, a buscar com as mãos aquilo que seu olhar alcançara nas prateleiras. Provavelmente, este leitor se sentisse como se entrasse em uma clareira silenciosa na densa selva dos impressos” (VAZ; MINTZ, 2014, p. 280-281). As menções ao olhar, a insinuação da primeira pessoa, as remissões à experiência de leitura, a qualidade literária da escrita. São todas características do modo de pensar a comunicação que Paulo exercita e ensina.

Como muitos estudantes do curso de Comunicação, tive com o Paulo algumas de minhas primeiras aulas. Na Fafich, ao fundo do corredor dos laboratórios, em uma sala de mesas amplas, lembro de ele propor exercícios aparentemente simples, realizados por meio de recorte e colagem. Cheguei ali buscando, com alguma avidez, um método preciso, uma matriz que permitisse vaticinar, para uma imagem, seu significado exato. Superando a frustração inicial, talvez seja justamente o reconhecimento da impossibilidade de satisfação desse desejo — que Didi-Huberman (2013) descreveu como uma pretensão de *omnitraduzibilidade* das imagens — que tornaria mais rica e instigante a questão lançada ao visual. Contra o método preciso e o ponto de vista neutro e esquadrihador, aprendemos ali a *olhar*, aceitando o caráter incerto e situado de qualquer impressão diante das imagens.

Para *olhar* faz-se preciso justamente que evitemos a tentação de muito racionalizar. A figura do detetive, ao estilo Sherlock Holmes, lupa em mãos, pareceria adequada para descrever o olhar investigador. Mas, aqui, seria mais o caso de nos deixar guiar pela experiência proporcionada por aquilo que vemos, pelo que nos faz lembrar, pelas associações que produz. Uma imagem alternativa talvez devesse ser, então, os retratos mais famosos de André Malraux – do *museu imaginário* a que Paulo B remete com frequência. Nestas fotografias, cachimbo em mãos, Malraux parece dançar sobre reproduções fotográficas espalhadas sobre o chão da sala. Um modo certamente muito mais gracioso de navegar a sobrecarga imagética da contemporaneidade. Para olhar, talvez seja preciso dançar.

Recordo-me de outra ocasião, no primeiro semestre do curso, quando cheguei à aula do Paulo B carregando alguns livros cuja leitura havia sido indicada em algum outro curso. Curioso, ele tomou um dos livros e folheou. Primeiro, elogiou a dedicação e interesse nas leituras para as aulas – em um tom, hoje percebo, algo protocolar. Porém, logo em seguida – em tom de cobrança – perguntou-me qual livro de literatura eu estava lendo. Provavelmente gaguejou um pouco, remendando a cobrança, para esclarecer que queria dizer sobre uma leitura que não fosse de estudo, mas sim por gosto. Devo ter dito que nenhum, naquele momento, ou mencionei alguma leitura interrompida, logo me justificando, certamente, pela quantidade de aulas que nos era dado cursar naquele semestre, manhã e tarde. Isto não resolve, lembro ele dizer, pois qualquer momento de leitura, por curto que seja, já seria melhor que nada. Na espera do ônibus, antes de dormir, entre as aulas. Não foram poucas vezes que o encontrei caminhando pelo campus da universidade com algum pequeno livro em mãos, apenas às vezes erguendo o olhar acima ou abaixo dele para guiar o passo e desviar de outros pedestres.

Sob sua orientação, lembro bem de que nossas reuniões passavam, sem perceber, da conversa sobre temas e leituras mais estritamente relacionados à pesquisa a recomendações literárias. Saía sempre com listas de romances, dos quais li pouquíssimos. A mesma transição suave das conversas encontrava em suas aulas e revejo hoje em seus textos, permeados de inescapáveis referências literárias, para além de qualquer papel

ilustrativo ou de tímidas inspirações estéticas. Neles, a literatura brota, extravasando os retiros epigráficos para inundar o leito da escrita e do pensamento.

Em um texto que reivindica um olhar para a forma visual dos textos, Paulo retoma trecho de romance de Thomas Mann para ali apontar às múltiplas sensorialidades da escrita e da leitura, para além de simples receptáculo do pensamento. Escreve: “Não é sem propósito que o autor tece considerações sobre o sentido gustativo e a audição antes de comentar sobre a percepção visual e a leitura do papiro. Ao apresentar a palavra escrita destaca, ainda, aspectos da ordem da percepção tátil e olfativa. Integrado nessa rede de todos os sentidos, o leitor talvez possa perceber quão estimulante pode ser o texto em sua concretude, escrito ou impresso” (VAZ, 2002, p. 174-175). Em outro texto, escrito com Elton Antunes, uma imagem de Proust de *No caminho de Swann*, inspira uma reflexão sobre os deslocamentos provocados pela mídia aos leitores. Diante do quadro de horários de uma estação de trem, os nomes de cidades fazem o narrador viajar: “Ao chamar a atenção para a ‘natureza nervosa’ do narrador, Proust diz da natureza não menos nervosa de todo e qualquer leitor que se dispõe e se capacita para a realização de outras viagens, com sua sensibilidade aguçada para os dispositivos midiáticos. Desloca-se o leitor, sem se deslocar, embarcando em viagens mentais e reconstruindo o tempo” (ANTUNES; VAZ, 2006, p. 53-54). Vórtice das sensações e das viagens, um livro, para Paulo B, constitui-se enquanto objeto sensível e visual. Seu olhar se volta à escrita *ao pé da letra*, como ele certa vez formulou.

Borges, em palestra proferida em 1978, qualifica o livro como o ‘mais assombroso’ instrumento da humanidade. Ele despreza, em certa medida, o aspecto físico a que se atenta Paulo, mas não se furta de remeter a objetualidade do livro, como ávido colecionador: “Continuo brincando de não ser cego, continuo comprando livros; continuo enchendo minha casa de livros. Um dia desses me ofereceram uma edição da *Enciclopedia Brockhaus* de 1966. Senti a presença daquela obra em minha casa, senti essa presença como uma espécie de felicidade” (BORGES, 2011). Desta palestra, que li no período em que estudei com Paulo, guardo ainda hoje na memória outra passagem: “Fala-se no desaparecimento

do livro; eu acho que é impossível”. Lembro-me de repetir esta passagem em conversas sobre o tema, como se a profecia borgeana fosse argumento suficiente contra a teleologia que se anunciava naquele início de século e, certamente, já quando Borges o escrevera. Ainda penso ser verdade, muito embora hoje, sem o livro e com bibliotecas fechadas, (em estranho período de isolamento domiciliar) recorro a cópia digital encontrada na internet para recuperar estes trechos. Mas, o livro, como a experiência borgeana, permanece.

Talvez não coincidentemente, foi justo na cidade de Borges que encontrei o unicórnio. Já nas minhas últimas semanas na Argentina, tomei um ônibus para Buenos Aires, onde fiquei hospedado em um albergue em San Telmo. A poucas quadras dali ficava o edifício que abrigou, décadas antes, a Biblioteca Nacional da Argentina, no período em que Borges foi seu diretor. Já sem muita expectativa, cruzei a rua do albergue para buscar pelo livro encomendado na pequena banca de usados, em frente. Perguntei pelo livro ao homem de meia idade que, se bem me lembro, era careca, usava cavanhaque e tinha o braço tatuado. Ele disse que possuía o livro e que, inclusive, o estava lendo. Alcançou-o em sua mesa, retirou o marcador de páginas e me estendeu o exemplar. Lembro de ter ficado um pouco encabulado de interromper a leitura e devo ter dito que ainda ficaria ali mais alguns dias e que poderia buscar depois. Ele insistiu que eu o levasse e, assim, obtive o livro, que levei ao encontro de Paulo, em meu retorno a Belo Horizonte.

Em seu ensaio sobre o colecionador de livros, Benjamin assevera: “Dos modos costumeiros de adquirir livros, o mais conveniente seria tomar emprestado sem a subsequente devolução”. E continua: “O sujeito que se destaca pela quantidade de livros que tomou emprestados – que é a quem visamos aqui – mostra-se como um inveterado colecionador de livros não tanto pelo fervor com que guarda seu tesouro emprestado nem pelos ouvidos moucos que faz a qualquer advertência proveniente do mundo cotidiano da legalidade, mas pelo fato de que não lê os livros” (BENJAMIN, 1995, p. 229). Devo, aqui, reconhecer a acuidade do filósofo e confessar ao Paulo minha indelicadeza: o catatau, *Bomarzo*, segue em minha estante.